



A travessia do lago, *in Other Words*, a aprendizagem de uma língua: exofonia e tradução em Jhumpa Lahiri

Andréa Moraes da Costa

Universidade Federal de Rondônia

<https://orcid.org/0000-0001-7470-2943>

andrea@unir.br

RESUMO

Em *In Altre Parole* (2015), Jhumpa Lahiri aborda sua jornada rumo ao aprendizado do italiano, relacionando essa aprendizagem à “travessia de um pequeno lago”. Este artigo, a partir da tradução dessa obra para a língua inglesa – *In Other Words* (2017a) –, objetiva dialogar com as ponderações de Lahiri sobre aprendizagem de idioma, identidade e tradução, temáticas aludidas nessa obra. Considerando que essa escritora, nascida na Grã-Bretanha, escreveu essa obra em italiano, o artigo aborda, ainda, sobre sua escrita exofônica. Este estudo, portanto, é orientado por estudiosos, que versam sobre as referidas temáticas, tais como Almeida Filho (2013), Chantal Wright (2013) e Stuart Hall (2011).

PALAVRAS-CHAVE: Jhumpa Lahiri; Linguagem; Exofonia; Tradução.

Crossing the lake, *in Other Words*, learning a language: exophony and translation in Jhumpa Lahiri

ABSTRACT

Jhumpa Lahiri (2015), *In Altre Parole*, discusses her journey towards learning Italian, relating this learning to “crossing a small lake”. This article, based on the translation of this work into English – *In Other Words* (2017a) –, aims to dialogue with reflections of Lahiri on language learning, identity and translation, themes alluded in this work. Considering that this writer, born in Great Britain, wrote this work in Italian, the article also addresses her exophonic writing. This study, therefore, is guided by scholars, who deal with these themes, such as Almeida Filho (2013), Chantal Wright (2013) and Stuart Hall (2011).

KEYWORDS: Jhumpa Lahiri; Language. Exophony; Translation.



Como é possível que, quando escrevo em italiano,
me sinta mais livre e confinada, comprimida?
Talvez porque em italiano eu tenha
a liberdade de ser imperfeita¹
(LAHIRI, 2017a, p. 83).

1. Introdução

Em *In Altre Parole* (2015), a escritora Jhumpa Lahiri², nascida na Grã-Bretanha, filha de indianos e naturalizada norte-americana, aborda, sobretudo, sua jornada rumo ao aprendizado da língua italiana, destacando as novas experiências culturais vividas mediante sua mudança para Roma, onde permaneceu durante dois anos, antes de retornar aos Estados Unidos. A obra é composta por uma série de ensaios, escritos nesse país, em língua italiana. Em 2017, *In Altre Parole* foi lançada em edição bilíngue, no par linguístico italiano-inglês, sob o título *In Other Words*. Esse lançamento foi organizado pela editora Vintage Books em Nova Iorque.

Embora Lahiri seja uma escritora de língua inglesa, a tradução de *In Altre Parole* para esse idioma ficou a cargo de Ann Goldstein, uma editora da revista norte-americana *The New Yorker*. Neste artigo, proponho-me a discorrer acerca dessa obra, a partir de sua tradução para a língua inglesa. Empenho-me nesse sentido a fim de dialogar com as ponderações da autora sobre a aprendizagem de um novo idioma – processo metaforizado por Lahiri (2017a, p. 3) como a “travessia de um pequeno lago” – e sobre outros temas também debatidos na obra, como identidade, tradução e linguagem, os quais são recorrentes em suas obras, a exemplo de *Interpreter of Maladies*³ (1999), *The Namesake*⁴ (2003), *Unaccustomed Earth*⁵ (2008) e *The Lowland*⁶ (2013).

À vista disso, encaminho esta discussão trazendo o ponto de vista de Lahiri sobre aquisição da linguagem. Dedico também uma seção para discutir a relação entre exofonia e liberdade, tendo em foco a fala registrada na epígrafe acima. E, considerando que a tradução da obra em tela não foi desempenhada por sua autora, que é falante de língua inglesa e escritora consolidada a partir de suas escritas nesse idioma, apresento a argumentação de Lahiri para tal ocorrência, bem como sua relação com a tarefa tradutória. Para isso, oriento-me em pressupostos, que versam sobre as temáticas aqui apresentadas, desenvolvidos por estudiosos como José Carlos Paes de Almeida Filho (2013), Chantal Wright (2013) e Stuart Hall (2011).

¹ “How is it possible that when I write in Italian I feel both freer and confined, constricted? Maybe because in Italian I have the freedom to be imperfect” (LAHIRI, 2017a, p. 83).

² Apelido de Nilanjana Sudheshna Lahiri.

³ *Intérprete de males*.

⁴ *O Xará* (LAHIRI, 2017b).

⁵ *Terra descansada* (LAHIRI, 2009).

⁶ *Aguapés* (LAHIRI, 2014).



2. A aprendizagem de uma língua: a travessia de um pequeno lago

Lahiri, que atualmente responde pela direção do Programa de Escrita Criativa na *Princeton University's Lewis Center for the Arts*⁷, nos Estados Unidos, mudou-se para Roma logo após a publicação de *The Lowland* (2013). Contudo, com tal decisão, Lahiri pretendia muito mais do que fixar residência nesse país. Já com seu nome figurando como um dos principais nomes da literatura contemporânea, a escritora planejava se apropriar do italiano, para desenvolver sua literatura a partir desse idioma. Assim, foi no *bel paese*⁸, denominação poética da Itália, que ela escreveu *In Altre Parole* (2015), seu primeiro livro em italiano.

Desde as páginas iniciais da obra, podemos conferir detalhes que demonstram a relação de sua autora com o aprendizado de um novo idioma. Em seu primeiro capítulo, intitulado “A Travessia”, ela conta que deseja:

[...] atravessar um pequeno lago. É realmente pequeno e, no entanto, a outra margem parece muito longe, além das minhas habilidades. Estou ciente de que o lago é muito profundo no meio e, embora saiba nadar, tenho medo de ficar sozinha na água, sem nenhum apoio. O lago de que estou falando está em um lugar privado e isolado. Para chegar lá, é preciso percorrer uma curta distância, através de um bosque silencioso. Do outro lado, você pode ver uma casa de campo, a única casa na praia. O lago foi formado logo após a última era glacial, milênios atrás. A água é clara, mas escura, mais pesada que a água salgada, sem corrente. Quando você estiver a alguns metros da costa, não poderá mais ver o fundo⁹ (LAHIRI, 2015, p. 3, tradução nossa).

A metáfora empregada por Lahiri relaciona linguagem/aprendizado de uma nova língua a um “pequeno lago”, mais precisamente à “travessia de um lago”. A partir das idiossincrasias atribuídas ao “lago”, podemos perceber o modo como a autora compreende e vive esse aprendizado. Por meio das antíteses mencionadas, “é [o lago] realmente pequeno, no entanto, a outra margem parece muito longe”; sua “água é clara, mas escura”, é indicado o quão complexa é a aprendizagem de uma nova língua. Saber nadar não oferece completa segurança em meio a águas profundas. Em outras palavras, conhecer a linguagem ou o idioma estrangeiro pode não vir a sustentar o aprendizado e as interações linguísticas de um modo integral.

Penso que isso ocorra devido à linguagem se constituir como um “sistema dinâmico não linear e adaptativo, composto por uma interconexão de elementos bio-cognitivo-sócio-histórico-culturais e políticos que nos permitem pensar e agir na sociedade¹⁰ (PAIVA, 2011, p. 60). Essa ideia provoca a lembrança de que aprender uma língua não se limita ao aprendizado

⁷ Centro Lewis de Artes da Universidade de Princeton (Tradução minha).

⁸ Belo país (Tradução minha).

⁹ “I want to across a small lake. It really is small, and yet the other shore seems too far away, beyond my abilities. I'm aware that the lake is very deep in the middle, and even though I know how to swim I'm afraid of being alone in the water, without any support. The lake I'm talking about is in a secluded, isolated place. To get there you have to walk a short distance, through a silent wood. On the other side you can see a cottage, the only house on the shore. The lake was formed just after the last ice age, millennia ago. The water is clear but dark, heavier than salt water, with no current. Once you're in, a few yards from the shore, you can no longer see the bottom”.

¹⁰ “I understand language as a non-linear dynamic and adaptive system, made up of interrelated bio-cognitive, socio-cultural, historical and political elements, which enables us to think and act in society”.

de estruturas gramaticais e sugere a complexidade linguística, apontando para a abrangência desse sistema.

Nesse sentido, podemos estabelecer um diálogo com o que José Carlos Paes de Almeida Filho atesta sobre esse processo de aprendizagem. Segundo Filho (2013, p. 22), tal processo envolve aspectos associados à afeição, tais como habilidade de correr riscos, níveis de ansiedade, motivação e pressão dos pares. De certo modo, Lahiri endossa essa ideia ao mencionar que essa “travessia” exige além de suas habilidades, frente ao risco representado pela profundidade do lago/língua[gem]. Logo, o exercício da “travessia” requer o desenvolvimento de habilidades específicas e apoio, para que o aprendiz não se sinta só no “meio desse lago profundo”.

No que tange à motivação para o conhecimento do idioma, mencionada anteriormente por Filho (2013, p. 22), poderíamos pensá-la, por exemplo, a partir de duas possibilidades: i) por esse conhecimento ser “considerado capital cultural em uma sociedade específica”; ii) devido ao conhecimento de uma nova língua ser “uma condição necessária para alcançar a identidade social desejada e, conseqüentemente, pertencer a práticas sociais específicas” (SADE, 2011, p. 45). Mas em se tratando de Lahiri, qual seria sua motivação? Podemos conferir a resposta da própria autora, ao retratar a experiência vivida quando ainda vivia nos Estados Unidos, ao ser questionada sobre essa questão, por sua primeira professora de italiano:

Eu explico que vou a Roma no verão para participar de outro festival literário. Parece uma motivação razoável. Não revelo que o italiano seja uma fantasia minha. Que eu alimento uma esperança – de fato, um sonho – de conhecê-lo bem. Não digo a ela que estou procurando uma maneira de manter viva uma linguagem que não tem nada a ver com a minha vida. Que sou torturada, que me sinto incompleta. Como se o italiano fosse um livro que, por mais que eu trabalhe, não sei escrever¹¹ (LAHIRI, 2017a, p. 29, tradução minha).

A resposta apontada por Lahiri expressa sua motivação para aprender o italiano, ligada a um desejo pessoal, assim como revela também seu desconforto no início desse aprendizado. A sensação de incompletude citada pela autora pode ser melhor entendida se considerarmos que, conforme Filho (2013, p. 18), uma nova língua também constrói seu aprendiz. Se o aprendiz de línguas apresenta dificuldades em seu aprendizado, ou enquanto esse aprendizado se desenvolve, a sensação de incompletude pode emergir, assim como ocorreu com Lahiri. E como há vínculo direto entre língua e cultura¹², talvez resida na fala de Lahiri um desejo implícito de pertencimento à cultura italiana, a fim de encontrar uma identidade¹³ social, uma vez que ela se

¹¹ “I explain that I’m going to Rome in the summer to take part in another literary festival. It seems like a reasonable motivation. I don’t reveal that Italian is a fancy of mine. That I nurture a hope – in fact a dream – of knowing it well. I don’t tell her that I’m looking for a way to keep alive a language that has nothing to do with my life. That I am tortured, that I feel incomplete. As if Italian were a book that, no matter how hard I work, I can’t write”.

¹² A definição de cultura a que me refiro se refere à descrita por Terry Eagleton (2005, p. 184), qual seja: “[...] cultura não é unicamente aquilo de que vivemos. Ela também é, em grande medida, aquilo para o que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual, um sentido de significado último: tudo isso está mais próximo, para a maioria de nós, do que cartas de direitos humanos ou tratados de comércio”.

¹³ Oriente-me no conceito de identidade proposto por Stuart Hall (2011, p. 13), que compreende que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do ‘eu’ coerente [...] contraditórias” e que “estão sendo continuamente deslocadas”.

sente “incompleta”. É possível, até mesmo, cogitar, ainda, que essa seja sua real motivação acerca de seu aprendizado de italiano. As recorrentes declarações de afeto por essa língua, relatadas ao longo da obra, autorizam essa possibilidade, assim como as frequentes alusões à sua incompletude diante de um eventual fracasso nessa prática. Podemos averiguar, a seguir, outra menção da autora à língua italiana, incluindo tais observações.

Parece uma linguagem com a qual eu tenho que ter um relacionamento. É como uma pessoa que conheci um dia por acaso, com quem sinto imediatamente uma conexão e de quem gosto. Como se eu a conhecesse há anos, embora ainda haja tudo para descobrir. Eu ficaria insatisfeita, incompleta, se não a aprendesse. Percebo que há um espaço dentro de mim para recebê-la. Sinto uma conexão e ao mesmo tempo um desapego. Uma proximidade e ao mesmo tempo uma distância. O que sinto é algo físico, inexplicável. Ela provoca um desejo indiscreto e absurdo. Uma tensão requintada. Amor à primeira vista¹⁴ (LAHIRI, 2017a, p. 15, tradução minha).

Nesse excerto, Lahiri não expõe somente seu apreço pela língua italiana, mas também sentimentos antagônicos relacionados a esse idioma, trazendo à tona a sensação de conexão e proximidade com a língua italiana, desapego e distância com a língua inglesa. Afinal, o empenhimento da “travessia de um lago” implica deixar gradativamente uma margem para trás, ou, pelo menos, se distanciar dela por alguns momentos. Enquanto no papel de aprendiz de italiano, a autora poderia retornar à “margem inicial”, onde se sentia segura, conforme narra:

Por vinte anos, estudei italiano enquanto nadava à beira do lago. Sempre próxima da língua do idioma dominante, o inglês. Sempre abraçando aquela praia. Foi um bom exercício. Benéfico para os músculos, para o cérebro, mas não muito emocionante. Se você estuda uma língua estrangeira dessa maneira, não se afoga. O outro idioma está sempre lá para apoiá-lo e salvá-lo. Mas você não pode flutuar sem a possibilidade de se afogar, de afundar. Para conhecer um novo idioma, para mergulhar, você precisa sair da costa. Sem colete salva-vidas. Sem depender de solo sólido¹⁵ (LAHIRI, 2017a, p. 5, tradução minha).

Ao mudar-se para Roma, o que simboliza seu “mergulho total no lago”, Lahiri concretiza sua “travessia”, passa a interagir com os falantes do novo idioma, da nova cultura, afastando-se completamente da “margem inicial”. No entanto, a autora preparou com antecedência esse afastamento. Seis meses antes da mudança para a Itália, ela decidiu não ler mais em língua inglesa, apenas em italiano, considerando isto como uma renúncia, pois acreditava que deveria fazer essa imersão e deixar para traz algo “familiar, essencial” (LAHIRI, 2017a, p. 35). Embora tenha

¹⁴ “It seems like a language with which I have to have a relationship. It’s like a person met one day by chance, with whom I immediately feel a connection, of whom I feel fond. As if I had known it for years, even though there is still everything to discover. I would be unsatisfied, incomplete, if I didn’t learn it. I realize that there is a space inside me to welcome it. I feel a connection and at same time a detachment. A closeness and at the same time a distance. What I feel is something physical, inexplicable. It stirs an indiscreet, absurd longing. An exquisite tension. Love at first sight”.

¹⁵ For twenty years I studied Italian as I were swimming along the edge of that lake. Always next to my dominant language, English. Always hugging that shore. It was good exercise. Beneficial for the muscles, for the brain, but not very exciting. If you study a foreign language that way, you won’t drown. The other language is always there to support you, to save you. But you can’t float without the possibility of drowning, of sinking. To know a new language, to immerse yourself, you have to leave the shore. Without a life vest. Without depending on solid ground”.

efetivado seu sonho da “travessia”, cruzando o oceano em direção à Itália, a incompletude identitária não a deixou, como podemos observar:

Devido à minha identidade dividida, ou talvez por disposição, considero-me uma pessoa incompleta, de alguma forma deficiente. Talvez haja uma razão linguística – falta de uma língua para se identificar. Quando menina, nos Estados Unidos, tentei falar bengali perfeitamente, sem sotaque estrangeiro, para satisfazer meus pais e, sobretudo, para eu sentir-me completamente filha deles. Mas foi impossível. Por outro lado, eu queria ser considerada americana, apesar de falar inglês perfeitamente, isso também era impossível. Fui deixada de lado em vez de incluída. Eu tinha dois lados, nenhum bem definidos. A ansiedade que senti, e ainda sinto, vem de um sentimento de inadequação, de ser uma decepção¹⁶ (LAHIRI, 2017a, p. 111-113, tradução minha).

Essa autopercepção de Lahiri, que inclui uma visão de incompletude sobre si, auxilia na compreensão de que a “jornada rumo à outra margem do lago”, provavelmente, também represente para ela a busca da própria identidade. O excerto acima revela parte de sua história de vida, sua caminhada linguística, pois a exposição de Lahiri a diferentes culturas se deve ao fato de ter nascido em Londres, ser filha de pais de origem bengali, e de ter sido criada nos Estados Unidos. Daí seu “sentimento de inadequação”, sua frustração por falhar ao não “falar bengali perfeitamente”, ao não conseguir “ser considerada uma americana”, por exemplo.

Com base nisso, é possível refletirmos também sobre a ideia de que a exposição ou convívio com uma determinada cultura não é suficiente para assegurar a aceitação cultural ou o aprendizado de uma língua estrangeira. Emerge aqui, então, um fator importante para essa “travessia”, isto é, a identificação do sujeito aprendiz com a cultura do idioma ao qual se propõe apreender, pois “a língua é o coração dentro do corpo da cultura, e é da interação entre as duas que resulta a continuação da energia-vital¹⁷” (BASSNETT, 1991, p. 14). Portanto, ambas, língua e cultura são indissociáveis.

Além de sugerir ânsia pela identificação linguística e cultural, a declaração de Lahiri pode ilustrar a “pressão dos pares” (FILHO, 2013, p. 22) dentro do contexto de aprendizagem de uma outra língua. Creio que, no caso da autora em questão, podemos interpretar que seus pares opressores são representados por sujeitos de diferentes culturas presentes em diversos lugares. Seja para agradar seus pais, no ambiente familiar, seja para ser aceita enquanto americana, no contexto escolar, Lahiri parece ter sido oprimida linguisticamente, com frequência, durante sua vida. E isso está representado em suas obras.

Lahiri, em um comentário acerca de sua literatura, retomando o conteúdo da citação anterior, frisa que sua obra tem a ver com os três idiomas que fala, os quais não parecem de fato seus,

¹⁶ “Because of my divided identity, or perhaps by disposition, I consider myself an incomplete person, in some way deficient. Maybe there is a linguistic reason – the lack of a language to identify with. As a girl in America, I tried to speak Bengali perfectly, without a foreign accent, to satisfy my parents, and above all to feel that I was completely their daughter. But it was impossible. On the other hand, I wanted to be considered an American, yet, despite the fact that I speak English perfectly, that was impossible, too. I was suspended rather than rooted. I had two sides, neither well defined. The anxiety I felt, and still feel, comes from a sense of inadequacy, of being a disappointment”.

¹⁷ “Language, then, is the heart within the body of culture, and it is the interaction between the two that results in the continuation of life-energy”.

pois em sua casa dialogava em bengali com seus pais, aprendeu a língua que domina melhor, o inglês, na escola e, no entanto, “nenhuma parece natural” (LAHIRI citada por DUTRA, 2014). Como podemos notar, a vida e a obra da autora estão interligadas pelas marcas de sua identidade fragmentada e incompleta, uma característica típica da contemporaneidade e discutida por teóricos como Stuart Hall.

Hall (2011, p. 13) argumenta que uma “identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”, sublinhando que “à medida em que (sic) os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis”, com as quais seria possível nos identificarmos, pelo menos, temporariamente. Sob essa perspectiva, considerando o histórico de vida de Lahiri, é plausível avaliar suas sensações, como a incompletude ao relatar seu desejo e experiência de aprender uma nova língua, como um resultado natural de seu confronto com outra cultura.

Em acréscimo a isso, é plausível concluir que, se identidades são “cambiantes”, o indivíduo experiencia metamorfoses ao longo de sua existência, como claramente ocorrido com Lahiri escritora. Em *In Other Words*, no capítulo intitulado “A metamorfose”, a autora explicita como chegou ao entendimento sobre sua autotransformação enquanto escritora. Conferimos abaixo:

Pouco antes de começar a escrever essas reflexões, recebi um e-mail de um amigo meu em Roma, o escritor Domenico Startone. Referindo-se ao meu desejo de me apropriar do italiano, ele escreveu: ‘Um novo idioma é quase uma nova vida, a gramática e a sintaxe o reformulam, você entra em outra lógica e outra sensibilidade.’ Quanto essas palavras me tranquilizaram. Elas pareciam ecoar meu estado de espírito depois que cheguei a Roma e comecei a escrever em italiano. Elas continham toda a minha desorientação. Ao ler esta mensagem, entendi melhor o impulso de me expressar em um novo idioma: sujeitar-me, como escritora, a uma metamorfose¹⁸ (LAHIRI, 2017a, p. 161, tradução minha).

Como sugere o alerta de Startone, Lahiri, a partir de sua decisão de escrever suas obras em italiano, teria um desafio pela frente, que ultrapassaria os limites das convenções linguísticas. Seu desafio maior seria enfrentar mudanças internas, pois estaria frente a uma nova “sensibilidade”, um modo diferente de sentir e descrever o mundo por meio de novos recursos linguísticos. A apropriação de um idioma implica o domínio não só de suas regras, mas também de seus aspectos pragmáticos, ou seja, aqueles “que governam nossas escolhas linguísticas em uma interação social e dos efeitos de nossas escolhas nos outros”¹⁹ (CRYSTAL, 2007, p. 275).

A escrita literária, entendida como um meio de interação entre autor, leitor e mundo, não está livre de atenção nesse sentido. Lahiri parece ter compreendido que, para adentrar outro univer-

¹⁸ “Shortly before I began to write these reflexions, I received an email from a friend of mine in Rome, the writer Domenico Startone. Referring to my desire to appropriate Italian, he wrote, ‘A new language is almost a new life, grammar and syntax recast you, you slip into another logic and another sensibility.’ How much those words reassured me. They seemed to echo my state of mind after I came to Rome and started to write in Italian. They contained all my yearning disorientation. Reading this message, I understood better the impulse to express myself in a new language: to subject myself, as a writer, to a metamorphosis”.

¹⁹ “[...] *Pragmatics* [...] studies the factors that govern our choice of language in social interaction and the effects of our choice on others”.

so cultural, deveria se entregar a uma transformação. No entanto, ela admite que, em seu caso, a metamorfose total não é possível, argumentando que, apesar de poder escrever em italiano, não pode se tornar uma escritora italiana (LAHIRI, 2017a, p. 171). Como se sente Lahiri diante disso é o foco da próxima seção.

3. A escrita exofônica como liberdade

Jhumpa Lahiri (1967), Samuel Barclay Beckett (1906-1989), Vladimir Vladimirovich Nabokov (1899-1977), Józef Teodor Nałęcz Korzeniowski (1857-1924), conhecido como Joseph Conrad, Jean-Louis Lebris de Kerouac, ou simplesmente Jack Kerouac (1922-1969), Gibran Kahlil Gibran (1883-1931), Chinua Achebe (1930-2013), dentre outros, são escritores cujas escritas são consideradas exofônicas. Esse termo é derivado da palavra “exofonia”, de origem grega, em que *ek* significa “fora de” e *phon-eh* significa “som” ou “voz”.

Chantal Wright, em nota introdutória à obra *Portrait of a Tongue*²⁰ (2013), define exofonia como o “fenômeno em que um escritor adota uma linguagem literária diferente da sua língua materna, substituindo ou complementando inteiramente sua língua nativa como veículo de expressão literária”²¹. E segue explicando que, nessa prática, a linguagem empregada é tipicamente adquirida na fase adulta, e que os “escritores exofônicos não são bilíngues no sentido de que cresceram falando duas línguas e, na verdade, não alcançam necessariamente o tipo de fluência falada associada ao termo ‘bilinguismo’”²².

Diversas são as razões para que essa prática seja adotada por escritores literários em todo o mundo. A exemplo disso, cito as razões relacionadas a fluxos migratórios, aspectos econômicos, assuntos sócio-políticos, questões pessoais, fatores históricos, conflitos internos ou externos de seus países de origem. Sem dúvida, devo ainda mencionar que, dentre as razões para a escrita exofônica, estão incluídas também aquelas pertinentes ao espírito inventivo, à criatividade literária.

Para alguns autores de escrita exofônica, a propagação de suas obras em línguas distintas à sua língua materna possibilita alcançarem um número maior de leitores. Nas primeiras décadas do século XX, por exemplo, o poeta de origem libanesa Khalil Gibran (1883-1931) inaugurou sua nova fase de escrita literária, a escrita exofônica, a partir da publicação da obra *The Prophet* (1923), em língua inglesa. Antes disso, o poeta libanês já havia escrito outras obras em sua língua materna, o árabe, mas foi com *The Prophet*, escrito em língua inglesa, que Gibran se tornou um dos mais importantes poetas do mundo.

O escritor nigeriano Chinua Achebe, que, conforme já destaquei, também figura dentre os escritores exofônicos, quando lançou seu primeiro romance, *Things Fall Apart* (1958), optou pela

²⁰ *Retrato de uma língua* (Tradução minha).

²¹ Exophony describe the phenomenon where a writer adopts a literary language other than his or her mother tongue, entirely replacing or complementing his or her native language a vehicle of literary expression”.

²² “[...] exophonic writers are not bilingual in the sense that they grew up speaking two languages, and indeed do not necessarily achieve the type of spoken fluency associated with the term ‘bilingualism’”.

publicação em língua inglesa. Como afirma Achebe (1973, p. 12), “para um africano, escrever em inglês não deixa de ter seus sérios contratemplos”²³. Contudo, essa ação tem se configurado, por exemplo, como um recurso significativo para autores africanos exporem problemáticas advindas de períodos de colonização e pós-colonização em contexto abrangente, sobretudo considerando-se o amplo alcance e fluxo editorial de textos escritos em língua inglesa.

Diferentemente dessas ilustrações, Lahiri, como escritora norte-americana, tornou-se escritora exofônica escrevendo em italiano e não em inglês. Como vimos na seção anterior, sua relação com a língua italiana é sustentada por muito afeto. Escrever *In Altre Parole* nesse idioma foi uma escolha espontânea da própria autora. Ela relata que, antes de chegar à Itália, estava à procura de uma direção diferente para sua escrita. A autora queria uma nova abordagem e não sabia que a língua que havia estudado lentamente durante muito tempo, nos Estados Unidos, lhe indicaria essa direção (LAHIRI, 2017a, p. 57).

Entretanto, Lahiri também se depara com contratemplos, de modo especial, provenientes de sua autoimagem enquanto escritora exofônica. Antes de se tornar uma escritora, ela lembra que “não tinha uma identidade clara e precisa” e que foi através da escrita que pode se sentir realizada, mas quando escreve em italiano, não se sente assim²⁴ (LAHIRI, 2017a, p. 83). Essas palavras reverberam estados oscilantes. Para Lahiri escritora, escrever em língua inglesa é como transitar em solo firme, enquanto o ato de se expressar em italiano representa a ameaça de seu objetivo ser consumido por essa língua, a qual teme não conseguir dominar. Sua referência à metáfora da ponte revela como a autora lida com essa ameaça:

Minha escrita em italiano é, como uma ponte, algo construído, frágil. Pode entrar em colapso a qualquer momento, deixando-me maior. Inglês flui sob meus pés. Estou ciente disso: uma presença inegável, mesmo que tente evitá-la. Como a água em Veneza, continua a ser o elemento mais forte e mais natural, o elemento que sempre ameaça me engolir. Paradoxalmente, eu poderia sobreviver sem problemas em inglês; eu não me afogaria. E, no entanto, como não quero contato com a água, construo pontes. Percebo que em Veneza quase todos os elementos são invertidos. [...] Tudo parece instável, mutável. As ruas não são sólidas. As casas parecem flutuar. O nevoeiro pode tornar a arquitetura invisível. [...] A desorientação que sinto em Veneza é semelhante à que me possui quando escrevo em italiano²⁵ (LAHIRI, 2017a, p. 97-99, tradução minha).

Por isso, a autora se questiona “Como é possível que, quando escrevo em italiano, me sinta mais livre e confinada, comprimida?”, respondendo em seguida: “Talvez porque em italiano eu tenha a liberdade de ser imperfeita. [...] Talvez porque do ponto de vista da criatividade não haja

²³ “For an African, writing in English is not without its serious set-backs”.

²⁴ “Before I became a writer, I lacked a clear, precise identity. It was through writing that I was able to feel fulfilled. But when I write in Italian I don’t feel that”.

²⁵ “My writing in Italian is, just like a bridge, something constructed, fragile. It might collapse at any moment, leaving me in larger. English flows under my feet. I’m aware of it: an undeniable presence, even if I try to avoid it. Like water in Venice, it remains the stronger, more natural element, the element that forever threatens to swallow me. Paradoxically, I could survive without any trouble in English; I wouldn’t drown. And yet, because I don’t want any contact with the water, I build bridges. I notice that in Venice almost all the elements are inverted. [...] Everything appears unstable, changeable. The streets aren’t solid. The houses seem to float. The fog can make the architecture invisible. [...] The disorientation I feel in Venice is similar to what possesses me when I write in Italian”.

nada tão perigoso quanto a segurança”²⁶ (LARIHI, 2017a, p. 83-85, tradução minha). Portanto, assim como “mergulhar em um lago desconhecido e profundo” ou “enfrentar as instabilidades de Veneza”, a escrita exofônica de Lahiri pode ser entendida como um recurso que lhe capacita fazer a “travessia para chegar a outras margens desconhecidas”, rompendo seus próprios limites.

4. Traduzir-se: a tentação de melhorar o texto fonte

Lahiri (2017a, p. 67-81), em seus relatos apresentados em *In Other Words*, apresenta a história de uma tradutora que se considerava imperfeita e que desejava produzir outra versão de si mesma. Ela conta que toda vez que a tradutora se recordava de algo acerca de seu passado, ela se convenciu de que outra versão seria melhor. De algum modo, essa história pode ser relacionada ao ponto de vista de Lahiri sobre sua opção em não se autotraduzir. Para elucidar melhor minha afirmativa, vejamos a passagem em que a própria autora discute a esse respeito:

Eu relutava em ir e voltar entre os dois [o inglês e o italiano]. Meu impulso na época era proteger meu italiano. Voltar ao inglês era desorientador, frustrante, também desanimador. Isso me conscientizou do quão limitado era meu italiano, comparado ao meu inglês. Isso me fez questionar o valor do experimento que eu havia empreendido. Meu italiano ainda é limitado em comparação ao meu inglês. E, no entanto, é a única língua em que continuo escrevendo. Além de correspondência obrigatória, escrevo exclusivamente em italiano há mais de dois anos. Escrever em italiano é uma escolha de minha parte, um risco que me sinto inspirada a assumir. Requer uma disciplina rigorosa que sou obrigada, no momento, a manter. Traduzir o livro pessoalmente teria quebrado essa disciplina; isso significaria se envolver intimamente com o inglês, lutando com ele, e não com o italiano. Além disso, se eu tivesse traduzido este livro, a tentação teria sido melhorá-lo, torná-lo mais forte por meio da minha língua mais avançada²⁷ (LAHIRI, 2017a, xiii-xiv).

Em outras palavras, Lahiri descreve que a ideia de revisitar sua obra por meio da autotradução lhe provocaria o desejo de reescrevê-la – empregando os recursos de uma língua a qual considera “terra firme” para transitar – semelhante à sua personagem tradutora ao olhar para o passado, acreditando que outra versão de si seria a melhor opção. Todavia, a autora descarta veementemente a possibilidade da autotradução, ratificando sua posição descrita na citação anterior, ao mencionar que não tem o mínimo desejo de se empenhar nessa prática (LAHIRI, 2017a, p. 115).

²⁶ “How is it possible that when I write in Italian I feel both freer and confined, constricted? Maybe because in Italian I have the freedom to be imperfect. [...] Maybe because from the creative point of view there is nothing so dangerous as security”.

²⁷ “I was reluctant to move back and forth between the two. My impulse at the time was to protect my Italian. Returning to English was disorienting, frustrating, also discouraging. It made me acutely aware of how limited my Italian was compared with my English. It made me question the value of the experiment I had undertaken. My Italian is still limited compared with my English. And yet it the sole language in which I continue to write. Apart from obligatory correspondence, I have written exclusively in Italian for more than two years now. writing in Italian is a choice on my part, a risk that I feel inspired to take. It requires a strict discipline that I am compelled, at the moment, to maintain. Translating the book myself would have broken that discipline; it would have meant reengaging intimately with English, wrestling with it, rather than with Italian. In addition, had I translated this book, the temptation would have been to improve it, to make it stronger by means of my stronger language”.



Em uma possível autotradução, Lahiri, assim como sua personagem, correria o risco de se encontrar consigo mesma, pois nesse “processo de autotradução, o autotradutor dialoga também com outra versão de si próprio ao exercer o papel de leitor-modelo”, com isso, mudanças, manipulações ou transformações seriam inevitáveis e necessárias (ANTUNES, 2007, p. 65).

Convém comentar que a autora já atuou como tradutora. Em 2014, por exemplo, Lahiri traduziu a obra *Lacci*²⁸, do escritor italiano Domenico Starnone (1943), para a língua inglesa. Esse trabalho lhe rendeu, em 2018, o *National Book Award for Translated Literature*²⁹ (LAHIRI, 2020). Portanto, o exercício tradutório não é estranho à autora, restando, assim, conjecturar que a rejeição de Lahiri à autotradução se justifique realmente pela sua intenção de proteger seu italiano ou, ainda, por se negar ao encontro consigo mesma.

Considerações finais

Neste artigo objetivei dialogar com as declarações da escritora Jhumpa Lahiri sobre sua experiência de aprendizagem de uma nova língua, especificamente o italiano, e sobre certos aspectos culturais que a colocam frente ao sentimento de identidade fragmentada. Procurei demonstrar que, para essa escritora, empenhar-se no aprendizado da língua italiana é um processo que envolve desafios, pois, conforme a própria Lahiri registra no início de *In Other Words*, obra objeto deste estudo, ele se compara a uma “travessia de um pequeno lago”.

De acordo com suas palavras, essa “travessia” implica riscos, insegurança, medo, e aquele que se aventura a “adentrar o lago”, precisa se afastar da “margem inicial”, para ter êxito completo em sua experiência/ aprendizagem da natção/idioma. Creio que, realmente, podemos pensar o aprendizado a partir desse prisma focado por Lahiri, pois aprender uma língua estrangeira, formal ou informalmente, por anos, exige, por exemplo, o abandono das certezas e tentativas de nadar até a outra margem sem a tentação de retornar à “margem inicial”.

Para além disso, comentei sobre identidade, tradução e linguagem, temáticas aludidas por Lahiri em *In Other Words*, as quais são frequentes em sua literatura. Apontei, então, argumentos que pudessem justificar suas declarações associadas a seu sentimento de incompletude, por vezes, mencionado por essa escritora. Nesse sentido, minha principal argumentação enfatizou seu histórico de vida, que compreende a ligação direta com diversas culturas, pois a escritora nasceu em Londres, é filha de indianos, naturalizada norte-americana e, em sua vida adulta, mudou-se para a Itália.

Constatei, assim, que essa trajetória de vida da autora pode estar relacionada a suas percepções a respeito de sua incompletude. Em outras palavras, talvez, seu sentimento de identidade dividida deva-se a um sentimento de não pertencimento a algum lugar. Assim, é possível, ainda,

²⁸ Jhumpa Lahiri esclarece, na introdução da versão em língua inglesa, que a tradução mais adequada para o título da obra de Starnone, *Lacci*, seria cadarços. Contudo, Lahiri optou pelo título *Ties*, porque de acordo com ela, esse termo assumiria o mesmo significado do título em italiano.

²⁹ *Prêmio Nacional de Literatura Traduzida* (Tradução minha).

cogitar que ao se dedicar, por exemplo, ao aprendizado do italiano, Lahiri esteja buscando uma aproximação com uma nova cultura na tentativa de encontrar alguma identificação cultural.

Considerarei relevante apresentar, na sequência, o conceito de exofonia, haja vista que Lahiri não traduziu sua obra *In Altre Parole* para a língua inglesa, repassando essa tarefa para Ann Goldstein. Abordei a relação entre a escrita exofônica e a liberdade, enfocando a observação de Lahiri quanto à sua sensação de liberdade ao escrever em italiano. Para finalizar, apresentei a razão, segundo Lahiri, que a levou a não traduzir a obra *In Altre Parole*.

In Other Words, assim como as demais obras de Lahiri, proporciona múltiplas reflexões pausadas em temas contemporâneos. Portanto, não se esgotam aqui as possibilidades de discussão acerca dessa obra. Espero que o debate que empreendi até aqui instigue novas propostas de análises dos textos dessa autora que tem muito a nos acrescentar a partir de suas temáticas.

REFERÊNCIAS

ACHEBE, Chinua. *The Role of the Writer in a New Nation*. In: KILLAM, G.D. **African Writers on African Writing**. London: Heinemann, 1973.

ACHEBE, Chinua. **Things Fall Apart**. London: Heinemann, 2006.

ANTUNES, Maria Alice G. **O respeito pelo original: uma análise da autotradução a partir do caso de João Ubaldo Ribeiro**. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação da PUC-Rio Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007. 273 páginas. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp025877.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

BASSNETT, Susan. **Translation Studies**. London and New York: Routledge, 1991.

CRYSTAL, David. **How Language works: how babies babble, words change meaning and language live or die**. England: Penguin Book, 2007.

DUTRA, Fernanda. **Jhumpa Lahiri descreve na Flip experiência de aprender e escrever em uma terceira língua**. São Paulo, 02 ag. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/flip-2014/jhumpa-lahiri-descreve-na-flip-experiencia-de-aprender-escrever-em-uma-terceira-lingua-13474172>. Acesso em: 10 de mar. 2020.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora. UNESP, 2005.

FILHO, José Carlos Paes de Almeida. **Communicative Dimensions in Language Teaching**. Trad. Mirelle da Silva Freitas, Sylmara Barreira e Joana Grant. São Paulo: Pontes Editores, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

KAHLIL, Gibran. **The Prophet**. Estados Unidos: Alfred A. Knopf, 1923.

LAHIRI, Jhumpa. **The Namesake**. Boston: Houghton Mifflin, 2003.

LAHIRI, Jhumpa. **Unaccustomed Earth**. Toronto: Knopf Canada, 2008.

LAHIRI, Jhumpa. **Terra descansada**. Trad. Fernanda Abreu. Companhia das Letras, 2009.



LAHIRI, Jhumpa. **The Lowland**. Londres: Bloomsbury, 2013.

LAHIRI, Jhumpa. **Aguapés**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Globo, 2014.

LAHIRI, Jhumpa. **In Altre Parole**. Milano: Editora Guanda, 2015.

LAHIRI, Jhumpa. **In Other Words**. Trad. Ann Goldstein. New York: Vintage Books, 2017a (Edição bilíngue).

LAHIRI, Jhumpa. **O Xará**. Trad. Rafael Mantovani. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017b.

LAHIRI, Jhumpa. **Intérprete de males**. Trad. José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2019a.

LAHIRI, Jhumpa. Disponível em: <https://www.dailyprincetonian.com/article/2019/09/celebrated-author-professor-jhumpa-lahiri-named-director-of-program-in-creative-writing>. Acesso em 02 abr.2020. 2020.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. Identity, Motivation, and Autonomy from the Perspective of Complex Dynamical Systems. In: Murray, Garold.; GAO, Xuesong Gao.; LAMB, Terry. **Identity, Motivation and Autonomy in Language Learning**. Bristol/Buffalo/Toronto: Multilingual Matters, 2011, p. 57-72.

SADE, Liliane Assis. Emerging Selves, Language Learning and Motivation through the Lens of Chaos. In: Murray, Garold.; GAO, Xuesong Gao.; LAMB, Terry. **Identity, Motivation and Autonomy in Language Learning**. Bristol/Buffalo/Toronto: Multilingual Matters, 2011, p. 42-56.

STARNONE, Domenico. **Ties**. Trad. Jhumpa Lahiri. Nova York: Europa Editions, 2017.

STARNONE, Domenico. **Lacci**. Turim: Einaudi, 2014.

WRIGHT, Chantal. Yoko Tawada's Exophonic Texts. In TAWADA. **Portrait of Tongue**. Ottawa: University of Ottawa Press, 2013.